



Gaiato

OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

ANO XXII — N.º 564 — Preço 1\$00
23 DE OUTUBRO DE 1965



FIDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: CASA DO GAIATO ★ PAÇO DE SOUSA
PROPRIEDADE DA OBRA DA RUA ★ DIRECTOR E EDITOR: PADRE CARLOS

FUNDADOR: Padre Américo

VALES DO CORREIO PARA PAÇO DE SOUSA ★ AVENCA ★ QUINZEZ
COMPOSTO E IMPRESSO NAS ESCOLAS GRAFICAS DA CASA DO GAIATO



CALVÁRIO

Um formoso recanto do salão de festas do nosso «Calvário».

Setúbal

O Carlos fugiu há dois meses da Casa do Gaiato de Paço de Sousa.

Tem 16 anos. Estava empregado num despachante oficial. Era querido pelo patrão e apreciado pelos colegas. Esperto. Vivo. Cheio de riqueza natural. Empregado, estudaria de noite, pois habitava o Lar do Porto.

A crise da idade e a liberdade puseram-no em fuga.

A família habita numa Casa do Património dos Pobres em Setúbal. Os vicentinos pediram-me muito que retirasse o garoto do ambiente familiar porque ele não tinha feito a 4.ª classe, não queria ir à escola, era de uma rebeldia e má educação horríveis. O pai e a mãe nada faziam dele!

O Carlos foi para Paço de Sousa. Isto há dois anos. Ambientou-se a custo. Fez exame. Tomou gosto pelo trabalho e pela honra e mereceu ir para o Lar. Agora?... Tudo baldado?... Não. Mas muito desperdiçado...

O Carlos poderia ter voltado. A fuga seria para ele mais uma lição valiosa, se tivesse algum amparo social ou familiar.

Os pais são incapazes de educar os filhos... Personalidades diminuídas pela miséria, sem alcance nenhum.

O filho foi recebido de braços abertos.

«Voltara do Colégio», disse-nos a mãe com ar triunfal. Agora que faz? «Andou por aí... e foi outro dia aprender de pintor».

Eu sei o que é andar por aí... o que representa agora aprender de pintor...

Fracasso...

Donde vem o mal?...

Fomos à procura do Carlos, P.e Carlos mais eu. Batemos à porta. Uma multidão de crianças saiu pelo corredor, depois veio a mãe e no final, assumando a uma esquina, o pai. Era domingo à tarde. O dia estava chuvoso e a casa quentinha convidava.

P.e Carlos, de visita ao Sul, cheio de pena e de saudade pelo fugitivo, resolvera ir em sua busca, para o levar outra vez. «O patrão aceitava-o novamente», dissera-me. A família do Carlos não sabe o que é a Casa do Gaiato. Como aliás muita gente ignora. Habitados como estamos ao tradicional, julgam-na sempre «um colégio», mais farda, menos número... mas sem sair dos quadros habituais. E então o menino «voltara do colégio»!... O colégio não é uma Casa de família onde os seus responsáveis sacrificam todos os dons familiares e se entregam como pai, mãe e filhos e irmãos uns aos outros. O colégio quando muito procurará imitar a família... A Casa do Gaiato é família. O Carlos não tinha família capaz. A Casa do Gaiato foi a sua família capaz de o reabi-

AQUI, LISBOA!

«Mais de 20 mil filhos de mães solteiras nasceram em Portugal em 1960», dão conta as estatísticas, sem considerar o Portugal de Além-Mar e os filhos que aparecem registados sem o nome materno. E, a julgar pelas informações que nos chegam, bem assim pelos «casos» tocados ao vivo, o problema parece tomar proporções cada vez mais vastas, com consequências incalculáveis, ante o cruzar de braços de uma sociedade dita cristã e em que todos e cada um se julgam «inocentes», como se, para lá das responsabilidades individuais, não se registasse algo de responsabilidade colectiva.

Põe-se, não raras vezes, em termos meramente materiais, a miséria dos homens. Mas uma análise ligeira levar-nos-á a encontrar a causa primária de muitos dos sofrimentos humanos, inclusivamente do da fome, na inobservância dos princípios e regras que fluem da Lei Moral. No caso específico das crianças abandonadas e «sem pais», a origem de quase todas as vicissitudes e questões levantadas situa-se quase exclusivamente no campo moral. Passando um a um cada um dos nossos 120 Rapazes, concluímos facilmente assim.

Sempre ouvimos dizer que a medicina preventiva é, não só mais económica, mas também mais eficaz. Construir casas de assistência, edificar hospitais e prisões, não basta. É preciso atacar o mal prevenindo ou debelando-o na sua raiz. Se dormimos ou procuramos narcotizar-nos para não vermos, onde iremos parar? Chamar os responsáveis directos à razão, castigar os prevaricadores (cada criança nasce de um pai e de uma mãe...), internar em casas próprias os loucos e doentes, doutrinar e realçar a grandeza e a importância dos valores eternos, velar pelo cumprimento dos deveres de cada, defender os direitos em jogo, dar o sentido da família e construir lares sólidos, eis, em termos gerais, alguns dos caminhos a percorrer por todos: Igreja, Estado e particulares.

Há anos ouvimos da boca do saudoso Padre Abel Var-

Continua na TERCEIRA página

MALANJE

«Campo de missão—campo de batalha! pedra, cimento, ferro, mobílias e carros; igrejas, escolas e habitações.

Vim por amor. Amo o povo indígena. Mas me apresentei a ele cheio de poder. Sinto um vazio enorme. Não me fiz um deles. Não parti deles» — disse-me um missionário. E continuámos os dois a pensar alto.

Por mais identificação e amor aos povos indígenas, seremos sempre estranhos. É muito difícil riscar em nós hábitos, maneiras de pensar e julgar ocidentais. Mais difícil ainda, eles viverem, pensarem e julgarem como nós.

Que faria o Senhor se estivesse entre nós? Pelo que o Evangelho nos ensina, Ele andaria preocupado, quase unicamente, com o Seu Colégio Apostólico, que seria o fermento das mas-

sas. Assim, verificamos que as cristandades mais florescentes nestas regiões de África, são aquelas que fizeram das vocações indígenas o ponto base, a plataforma de arranque para a verdadeira evangelização. Algumas dessas comunidades cristãs já têm à frente Bispos de cor, sacerdotes e irmãs.

Disse alguém que a Igreja lucra mais com a ordenação dum sacerdote indígena do que com a conversão dum milhar de pagãos. É certo.

Para lá de todas as construções e distribuição dos Sacramentos e muito além de todas as fronteiras e ideia de Pátria — essas comunidades firmaram a continuidade e permanência da Igreja.

Padre Telmo

Continua na SEGUNDA página

ÁFRICA

Cont. da PRIMEIRA página

litar e preparava-o para o lançar na vida, na medida das suas qualidades e das nossas posses.

Sentimo-lo nosso... Queremo-lo como nosso... Ele levou muito da nossa carne e dos nossos sonhos! Não temos outros e realizamo-nos neles.

Os vicentinos que me pediram — «É um caso perdido e está a prejudicar imenso os outros» — também não sabem o que é a Casa do Gaiato; ou então não ensinaram à família que o seu filho iria pertencer a uma outra família.

Doeu-me tanto aquela palavra «colégio»!... Sentia como um ultrage...

Aquela família tem uma casa, que lhe foi dada em usufruto. É muito!... Muitíssimo! Mas é o princípio, somente de uma recuperação. Se os vicentinos abandonarem as famílias, despendem profundamente possibilidades enormes de redenção que lhes foram postas ao dispôr.

Há dois meses que o Carlos fugiu. Nenhum vicentino nos disse uma palavra. Será que a família não é visitada? Ou que o visitante não viu o problema? A visita ao pobre tem



de ser feita com o coração e com a cabeça, mas sempre com guerra, na disposição de usar todos os meios até ao fim, sem cansaço. O nosso arrimo dado à família é o grande auxílio do vicentino. As desilusões são o alimento. Os fracassos são lições!

O Carlos «anda por aí», porque a família entendeu que «o menino tinha idade para sair do colégio»; e nunca entendeu que o seu filho fora assumido por outra família que lho entregará depois de ele ter assumido a Casa do Gaiato com todos os benefícios; porque lhe faltou o amparo de quem se interessou tanto por ele no princípio e agora desanimou!

Padre Acílio

Quando se anda por lá, acontece-nos por vezes, encontros maravilhosos. Este foi em Lourenço Marques. Melhor direi: estes — porque, na verdade, foram dois encontros da mesma espécie feliz aqueles que eu quero hoje partilhar com os nossos leitores.

Um casal de enfermeiros, de cor, de um pouco além da meia idade — criados os seus filhos, começaram a receber crianças, filhas de ninguém; e, pouco a pouco, aquela Família de adopção foi crescendo e atingiu já a meia centena.

Logo no nosso segundo dia de Lourenço Marques, começámos a ouvir falar deles. E ao terceiro fomos abordados por gens grada a propósito daquele bom e simpático casal. Porém, o nosso regalo foi estar com eles na casa de seus filhos e conviver durante breves minutos com aquele grupo de negros — que, ao casal, outros se têm reunido, com missões diversas de colaboração.

Há neles toda uma pureza de intenção e uma espontaneidade que as intromissões da gens grada, bem podem vir a macular. Quanto me enterneceu e edificou a humildade daqueles, me deixou temendo os efeitos a secundaridade destes — sabido, como

é fácil a letra matar o espírito.

Aquele casal de enfermeiros começou por poucas crianças e a sua bondade não tem sabido recusar — o que é uma lacuna. Quando as estruturas sociais não estão preparadas para resolver os problemas que surgem no seu seio tendem a abusar dos raros que se levantam para fazer o bem que cabe na sua medida e este abuso pode causar a banalização de um valor que perde autenticidade por desrespeito das suas limitações naturais.

Seria profanação julgar a acção daquele casal pelo número de crianças assistidas. Eles valem como exemplo de dedicação ao próximo no esquecimento de si mesmos. Começaram por poucas crianças, ignorados de todos. O serem conhecidos é bom, porque é bom «que se não esconda a luz, debaixo do alqueire». É bom que sejam conhecidos, afim de que desperte em outros casais o estímulo do amor do próximo em realidade, que de palavras está o mundo cheio. Mas serem conhecidos não significa que sejam usados — direi melhor: abusados — para além da medida que os conserva na autenticidade do seu valor. Serem conhecidos não quer di-

zer que estranhos se intrometam e lhes criem estorvos à humildade, a qual explica toda a fecundidade do bem que têm feito.

Começaram por poucas crianças e é com poucas que devem continuar. Tantas quantas caibam nos seus cuidados de pais, que, tendo os filhos criados, quiseram dobrar o trabalho, criando outros. Mas nem mais uma, que pudesse fazer deles um órgão de assistência, a exigir-lhes uma organização que teria, forçosamente, de vir de fora em profanação da sua espontaneidade, da sua humildade, do seu amor pelos outros — tudo o que deles faz (e justamente!) um caso à parte na querida Lourenço Marques, «de muitas e variadas gentes».

— x —

O segundo encontro foi com outro casal. Estes mais novos. Deus deu-lhes dois filhos. E eles pensaram: «Podemos ter mais. A herança que ambicionamos deixar-lhes é a educação que os prepare para ganharem a vida». E os dois, muito unidos na mesma resolução, foram buscar mais seis — e agora têm oito filhos.

Nesse dia a alguém bastante bem lançado na corrida aos bens do mundo, «que a traça roi e os ladrões espreitam», eu perguntei: — Quantos filhos tem?

Ele respondeu-me: — Tenho dois e chega!

Aqui está como, pisando o mesmo solo, eu ouvi dois mundos a falar: Um o mundo-mundo que gera o «mundo-mundo»; o outro um mundo tocado pela sabedoria divina, desdobrando-se em beleza, comunicando paz e alegria de viver.

Naturalmente, este casal tão insólito não esperará ser compreendido pela maioria que pertence ao mundo-mundo. Os fariseus serão os primeiros a levantar-se. Depois, os prudentes do século. Depois, os filósofos de meia tigela, afirmando que «não se dá ponto sem nó».

As incompreensões, as dúvidas, as reticências, as mal-sinações — são o sal, o sal que conserva e evita a corrupção; que evita a corrupção dos próprios, e os mantém na pureza da linha que sábia-mente escolheram e a corrupção da sociedade em que mergulham, a qual não é digna deles, mas tem neles, mais um argumento da misericórdia de Deus, que espera e teima, mas acaba sempre em Justiça.

A Ele eu agradeço a felicidade pura e profunda destes dois encontros em Lourenço Marques.



Estes dias têm sido de alvorço espiritual para todo o cristão. A Igreja em Concílio propõe-se ir com mais vida ao encontro de todos os homens. O Papa foi à ONU falar com mais clareza os fins daquela instituição. Falou da Paz como fruto de Justiça e de Amor, lembrando que as maiores vítimas da Guerra são os Pobres.

De regresso a Roma, Paulo VI falou aos Padres Conciliares e recordou-lhes a multidão imensa dos que passam fome e a necessidade urgente de lhes acudir. Uma das necessidades do Concílio foi o acordo dos Padres para a criação de um secretariado para solucionar, no mundo todo, o problema da fome.

Tempos novos se aproximam e trazem-nos novas esperanças para nos encorajar a prosseguir em frente, pois outros seguem a nosso lado. Conosco vão todos aqueles que nos ajudaram neste verão e confessamos não enceleirar para muito tempo. Já ontem o correio nos trouxe um aviso do banco a dizer que havia um saldo a seu favor. Costunamos ficar com uma provisozinha mas, este ano, andou tudo e até a nossa pequena lavoura foi prejudicada pela chuva que não quer deixar de compensar a ausência de tanto tempo.

Fomos às praias e termas do costume. Em Monte Real deixaram-nos um nadinha mais de quatro e a Senhora da farmácia não se esqueceu dos caixotes de medicamentos que são uma

preciosidade. A Figueira rondou os vinte e cinco e podia ir mais além, pois o número de gaiatos figueirienses em nossa Casa bate o record. Lusa manteve o seu lugar e a S. Martinho do Porto foi o nosso P.e Acílio, S. Pedro de Moel, apesar de ser em Setembro, manteve o gosto que revela nas suas casas e arranjo nos jardins.

Cento e vinte de visitantes: cinquenta em carta; cem à porta de S.ta Cruz; 170\$00 da mão de anónima; 20\$00 na Sé Nova; 50\$00 pnr alma da mãe; 100\$ em vale de correio; 100\$00 a pedir uma missa; 500\$00 de Vergão; 50\$00 de visitantes de Cantanhede; 200\$00 no Castelo, para o Calvário; 50\$00 de enfermeira; 100\$00 de solar; 50\$ em carta; cinco dólares do Alberto do Canadá e mais outros cinco; várias presenças de Lisboa para o Manel.

300\$00 em carta; várias lembranças na Praia de Mira; um envelope com mais de 2.000\$00 deixados no Castelo; 400\$00 das sempre amiguitas; 50\$00 das Caldas; 100\$00 na minha aldeia e mais 100\$00; 70\$00 de visitantes; 100\$00 num estabelecimento; embrulhos no Castelo; vinte num encontro; 1.500\$00 por mão de sacerdote austríaco; 1.000\$00 levados ao Lar, por Senhora que este ano não estava na Figueira; 1.000\$ deixados no Castelo.

Vamos agora encontrar-nos nas ruas com mais frequência.

Padre Horácio



Uma Carta

«Queridos irmãos:

Em primeiro peço a Deus que esta os encontre a todos em conjunto, gozando uma feliz saúde, é esse o meu desejo.

Em segundo lugar não podia de maneira alguma deixar dizer que pela primeira vez que vi a festa do Coliseu eu a primeira vez fomos 5 mas a segunda vez fomos dez e porque era a hora ingrata para nós criadas mas fez-se o melhor que se pode para assistir, graças a Deus. Em terceiro, mando o dinheiro da minha assinatura que termina no fim deste mês. Eu sei que mando pouco, que não pago o que se aprende no «Famoso», mas quando puder eu mandarei mais alguma coisa.

Já sou assinante pelo menos à 5 anos. Só sei que me faz bem. Sou nova, cheia de alegria, e às vezes fico só a chorar com o jornal na mão. Vou ver se o verão não finda sem ir aí. Nunca fui mas estou anciosa de conhecer essa maravilha».

«O Gaiato» ★

De Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes

Do que nós necessitamos

Já lá vão os meses de Agosto e Setembro, meses em que a visita dos grupos excursionistas mais se faz sentir. Chegam como família, e depois de tudo visitado com interesse, deixam-nos à despedida das suas migalhas. Assim, ai vão eles:

Do grupo excursionista «Os Ramboias», 100\$00. A Associação Cultural e Recreativa Invicta, apresenta-se com 492\$00. Dos «20 Estrelas de S. Lázaro», 550\$00. De «Os Carecas do Norte», 50\$00 em memória do sócio fundador. Mais 50\$00 dos «Amigo de S. Brás». Da visita anual do grupo de Bem-fazer de Cedofeita, 100\$00. E do grupo excursionista «A Rosa Branca do Seixo», 130\$50. Bem hajam todos, e até ao ano se Deus quiser.

De Luanda, um vigésimo premiado com 75\$00. Mortágua com 20\$00. Pneus usados da R. de Camões, 100\$ de «alguém». Mais de «promessas cumpridas», 50\$00, 20\$00, 100\$00, 20\$00, 500\$00, 20\$00, 500\$00, 100\$00, 500\$00 e 100\$00. Dum primeiro ordenado, 50\$00. «Amiga da Obra», com três presenças de 200\$00 cada. Do Sr. Manuel da R. da Corticeira, 600\$00 e 20\$00.

«Um zero» com 100\$00. Da Avenida Almirante Reis, na Capital, «amigo de há muitos anos» com 100\$00 mais 100\$00 e calçado. Anónimo com 100\$, «pelo bom êxito do exame de meu filho». Muitas malhas da Fábrica Jemel, Blusas do Porto. Roupas de Lisboa, Cadaval, Foz, Lisboa, Espinho, Figueira de Castelo Rodrigo, Porto, Cova da Piedade, e Lisboa, 75\$00 em selos de todos os meses, Porto com 500\$. Miramar com 20\$. Do Pessoal da CRUMP, em Famalicão, um vale de 327\$00.

Cheque de 500\$00, produto realizado entre os funcionários do Instituto do Trabalho, Previdência e Acção Social em Johannesburg. Assinante de Rio Tinto com duas vezes 100\$00. Aumento de ordenado de 652\$30, da Covilhã. «Por alma dum ente querido», 50\$. «Em acção de graças pela aprovação em dois exames de admissão ao Liceu», 100\$00. Ass. 30964 com 250\$00. Nazaré com 50\$00. De «Um Angolano» do Luso, que nos visitou a primeira vez, 100\$. Vários donativos entregues no nosso Lar do Porto. Da conhecida «Senhora dos doces», em Braga, 1.000\$00.

«Uma mãe» envia-nos livros e roupas de seus filhos. Mais vestuário e calçado de Figueira da Foz, Guimarães, Porto, idem, e Ponte do Sol — Madeira, 100\$ de Idanha-a-Nova. Mais da Invicta, 50\$00, 20\$00, 50\$00, 100\$00, 50\$00 e tudo o que depositais no Espelho da Moda. Braga com 30\$00. Ass. 31551 com 500\$00. M. A. Vieira com 20\$00. Ass. 32337 com um vale de 1.000\$00. Por intermédio do

Rev. Pároco de Ervedosa do Douro e de um seu paroquiano, 1.000\$00. De Famalicão, 100\$, António com a oferta habitual. «Amargurada pelo dia 22», com 50\$00. E os silenciosos 20\$00 da R. da Madalena e de Soure. São tão simpáticos estes donativos!

«Pelo 20.º aniversário de meu filho», 20\$00 de Matosinhos. Anónimo com uma cautela premiada em 20\$00. Da Covilhã, 500\$00. Assinante com 100\$00. Lisboa com 50\$00. E como sempre, não podia faltar a já muito amiga Avó de Moscavide, com sua migalha, Helena, também de todos os meses, 50\$00. Cândido Melo com 2.570\$00. De uma promessa, 100\$00. Da Amadora, uma carta amiga e 100\$. «Amiguinha do Porto» com 20\$ De duas graças obtidas com o pensamento na «Obra da Rua», 150\$00. Louvado Deus, pela fé que Ele inspira.

De Benoni, 10 libras dos amigos Eduardo e Fernanda, 100\$ de E. T. Dum Padre amigo, 100\$00. Por alma de dois José, 50\$00. De Famalicão dum professora primária, 100\$. Lisboa com 22\$00. De M. D. L., 100\$. Do mealheiro de um menino, 20\$00. Por intermédio da Ideal Rádio, 23\$00. Mais de uma promessa, 300\$ da Capital. «Apenas uma Dulce», com 40\$00 para a Senhora Carlota. E 20\$ de um anónimo. É de S. Paulo — Brasil que vêm 300\$, de migalhas. Do mealheiro da Fábri-

ca de Malhas Marão, 461\$50. Dois fatos de banho de Leiria. «De um anónimo pelas mãos do filho, por este ter ficado bem nos exames», 70\$00. Aumento de ordenado, em Moçambique, 300\$00. «Obra de Deus — para os Pobres» 40\$00 mais 40\$00.

600\$00 dum amigo de Rio Tinto, que nos visita anualmente. Lousas e lápis de Valongo, que veio mesmo a jeito no começo deste ano escolar. A «Voz dos Ridículos» está presente com a sua amizade e 350\$00. Mais 500\$00 do Porto, 100\$00 de P. R. de Lisboa, 25\$00 de S. Pedro do Sul, Alice com 50\$00. De Braga, amigo de todos os meses, recarte com a Casa do Gaiato e Calvário. Ilhavo com 100\$00. Do Rev. Pároco de S. João de Ver, que com seus paroquianos nos visitou, 1.000\$00. M. A. com 50\$00. Mais 200\$00 dum Irene. Porto com 20\$00. Assinante 31045 com 100\$00. Da Golegã, 50\$00. De Avintes, ass. 11447, 40\$00. De Gaia, ass. 22062, 450\$00 para pagamento de assinatura atrasada e respectivos «juros». Do Porto, 100\$00. Anónimo com 1.000\$00. E de E. D. M., 20\$00 por duas vezes. De Lisboa, pessoa que segue a par e passo a nossa vida, foi gozar férias, mas mesmo gozando elas, não nos esqueceu com um cheque de 5.000\$00.

E por hoje, ponto final. Que o Senhor a todos recompense.

MANUEL PINTO

Encomendas enviadas, e alguns donativos recebidos: — Beira — uma manta; Arouca — outra. Para o assinante 18987 um chalinho para bebé; Coimbra 1 chale; São João da Madeira outro. De uma Mãe de Lisboa 50\$ para a casa reconstruída. Também para Lisboa foram algumas peças de costura, no valor de 130\$; Carregado 1 chale; Serra del-Rei uma camisa de noite (como gostei do trabalho, venho fazer outra encomenda) e lá foram mais três pijamas para rapaz. Temos 2 feitos em flanela para senhora. Quem os deseja?... O frio está à porta... De M. T. a oferta do costume. Mais 2 chales para Lisboa: — Porto 2 pares de soquetes.

«Sou leitor do «Gaiato», e verifico que em Ordins fazem trabalhos em lã, que me tentam a fazer uma surpresa a minha mulher». E lá foi uma linda echarpe, agasalhar esta senhora, com a surpresa de seu marido. Quem dera muitas destas surpresas!...

Vem aí mais um Natal, e nunca é demais lembrar esta vossa casa, onde encontrarão presentes próprios para toda a família. Já agora, lembro também às Senhoras da Quinta do Anjo, que tantas



camisolas nos têm comprado, que não se esqueçam de nos bater à porta outra vez. Temos quase duzentas camisolas feitas, e muita gente a trabalhar.

De Madame Campos, 20\$; Murtosa, um chale; Besteiros, 1 capa. Novamente Lisboa, 5 chales; Foz do Douro, 1 chale; Porto, 1 chale; 3 sacas de guardanapos e 2 pegas para Lisboa; Vila Real de Santo António, 1 combinação; Torre, 4 cobertores; Coimbra, 6 pegas; Porto, uma capa; Castelo de Paiva, 2 pegas e 1 par de soquetes; Figueira da Foz, 6 pegas; Melgaço, 1 capa. Novamente Coimbra, 1 chale; Galveias, 1 chale; Guarda, 6 deles; Lisboa, mais 6 chales e 12 camisolas; Porto, 1 manta, 2 camisolas, e 2 pegas; S. Roque, 1 chale; Alcobaça, 3 camisolas e 6 pegas; Visitas, levaram uma colcha e 2 tapetes; Lisboa, 2 aventais e um vestido de criança «que veio tudo a meu gosto»; Pinhel, um avental para criada; Vila Franca

de Xira, uma echarpe; Estoril, 2 capas; Caramulo, um avental; Abrunhosa do Mato, 1 chale, 1 camisa de dormir e um pijama para homem; Golegã, duas mantas de retalhos para berço. Ainda temos alguns e custam apenas 14\$00. Setúbal, uma cama de roupa e 6 pegas. Por intermédio da Casa do Gaiato de Paço de Sousa, recebemos alguns donativos para a reconstrução da casa incendiada.

Agora para terminar, vai parte de uma carta enviada de Lisboa, que diz assim:

«Ao arrumar uma gaveta de um filho encontrei lá estas camisas, que já não lhe servem, e pensei logo que aí, faziam arranjo».

Fique sabendo minha senhora, que essas camisas fizeram um figurão, nos corpos dos Pais de 3 crianças que este ano fizeram a sua primeira Comunhão. Quem dera que todos os leitores arrumassem as suas gavetas, e se lembrassem de Ordins, com o que não serve.

Participo, que já se encontra no Lar do Gaiato em Lisboa — à Rua dos Navegantes, 34 r/c — o nosso madesto mostuário.

M. A.

Aqui Lisboa

Cont. da PRIMEIRA página

zima a informação, recebida de fonte oficial e segura, de que 50 a 60% das raparigas saídas dos asilos caíam na prostituição. Não sabemos se as coisas se põem ainda nestes graves termos, mas pelo que vemos e apalpamos, tememos até que a questão se tenha agravado. E se muitas destas raparigas não caíam na prostituição, ficam muitas vezes com um filho nos braços, enquanto os co-autores das pequenas vidas geradas se escapam, limpam a poeira dos sapatos e, de longe, doutrinam sobre a miséria, para entrar, depois, em tranqüilo repouso... Ora, aqui está um dos muitos aspectos

a requerer séria atenção dos guias da Assistência em Portugal.

Grande número dos «filhos sem pai» pertence ao grupo social das «criadas de servir». Nas nossas Casas há-os em elevado quantitativo e são às dezenas as pobres raparigas que nos procuram para que lhes fiquemos com os filhos, em ordem a poderem angariar o pão de cada dia. O que mais nos choca é haver pais ou «famílias bem», até rotulados de cristãos, que procuram ter «cobaias» em casa para, dizem, evitar males piores aos seus filhos varões... Depois, quando aparecem os frutos de tão estranhas condutas, trata-se de espantar, é o termo, as pobres raparigas, procurando comprar com dinheiro aquilo que não tem preço e descarregando em

«algures» as pobres crianças inocentes, como se o próprio sangue não corresse nas suas veias... E pronto, está tudo arrumado e as consciências cheias de uma paz de estarrecer...!

Nestas colunas, ao serviço de Deus, Pai de todos os homens, continuaremos a escarpelizar o agudo drama dos «filhos de ninguém».

— x —

Começaram as aulas. Os pedidos de livros e de utensí-

lios escolares «chovem» por todos os lados. São os Rapazes dos Liceus, são os dos Colégios, são os das Escolas Técnicas. Quem nos acode?

A propósito de «chovem» queremos lembrar-vos da grande dificuldade em calçar a população juvenil à nossa conta. Sobretudo das camadas entre os 4 e os 14 anos. Com o tempo chuvoso que tem estado, unido ao abaixamento de temperatura, as necessidades de calçado aumentam. Gratos pelo vosso acolhimento e a certeza de «cem por um» do Senhor de tudo.

Padre Luiz

Visado pela

Comissão de Censura

«O Gaiato» ★
De Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes



BELEM

● **A debulha do milho** — Este ano o milho ainda foi uma das coisas que tivemos em maior quantidade, depois das batatas.

Nos anos passados, o milho era malhado pelos trabalhadores da nossa quinta, mas este ano os passaritos começaram cedo a comê-lo. Então foi apanhado e levado para o lagar pois não havia um sitio melhor, e já antes lá debulhámos o feijão. E foi debulhado por nós que sempre depois do almoço íamos para lá. Muitas vezes acontecia que em vez de trabalharmos brincávamos e o milho ficava por debulhar. Por isso, a nossa Mãe até se teve de arrelhar connosco e dar-nos castigo. O milho, como ainda não estava bem seco, ia para a varanda onde acabava de secar.

Aqui na Beira é costume mandá-lo moer maduro, para ser cozinhado.

Nós todas gostamos muito de relões ou carolos.

As capas de milho também são desfiadas para os colchões ou almofadas.

FATINHA

● **A chuva** — Já há muito que andávamos a pedir a Nosso Senhor para mandar a chuva necessária para os campos, pois estavam muito secos e precisavam de muita água, pois o calor era muito e sumia-se a água dos poços e não chegava para tudo.

Na nossa quinta nunca faltou a água, graças a Deus. Muita gente que cá vinha admirava-se por nós termos ainda água para gastar em casa e regar as culturas. E diziam que em terras ainda mais baixas que aqui já não havia água nenhuma.

Agora graças a Deus veio a chuva e temos que ser pessoas agradecidas, ao Pai do Céu. Com a chuva veio também muito vento que faz abanar muito as árvores, e deita muita fruta ao chão.

Agora andamos a pedir a Nossa Senhora que mande tempo bom para fazermos a vindima e acabar as outras colheitas.

FERNANDA

MIRANDA DO CORVO

● **CASAMENTO** — Mais dois que no domingo, 3 de Outubro, se fundiram numa só carne. Foram eles o Zé Claro e a Maria Alice.

Nesse dia a Missa Dominical foi às 10 horas, e neste acto, todos em comunhão com o Senhor, pedimos-Lhe por estes dois, que na peugada de tantos outros, quiseram ser continuadores da Obra que Pai Américo iniciou.

Após a Santa Missa, seguiu-se um pequeno almoço a parecer bem, ou melhor, a parecer almoço, até porque a hora já ia adiantada.

Depois de todos estarem já atectados, e até para evitar congestões, tivemos de arranjar maneira de fazer

a digestão. Chegámos à conclusão de que o melhor seria um jogo de futebol. E foi.

Dum lado a equipa da Casa do Gaiato de Miranda do Corvo, com Zé Claro em 1.º plano; do outro, A BRIOSA, do Lar do Gaiato de Coimbra.

O jogo foi bem disputado desde o primeiro ao último minuto, e tanto de um como de outro lado. O resultado não podia ter sido mais justo e reconfortante, apesar de já não haver «vacas» em Miranda. Foi ele 0-0, a favor dos visitantes.

Para a próxima, a coisa será mais falada porque o guarda-redes que



Zé Claro e Maria Alice

era tropa fez também nesse dia a sua despedida, pois que o dever chama-o a defender a Pátria no nosso Ultramar. Boa viagem e feliz regresso.

Ao jogo de futebol seguiu-se um banho na nossa piscina, apesar de o tempo não estar muito para banhos. Mas a malta gosta da natação e ao mesmo tempo serve para refrescar.

● **FATIMA** — Agora o repórter, em vez de se deslocar, vê que os outros descolam para Fátima. Foram eles o Sr. Padre Horácio, Crisanto, Fernando, Zé, Tónio e Castelinho (e com que esforço!!) que no mês passado, com os olhos postos em Fátima, partiram num sábado de madrugada, para no dia 13, como tantos outros fiéis e devotos da Mão do Céu quiseram tomar parte nas cerimónias que naquele lugar se realizam em Sua homenagem.

Falta porém acrescentar à Comitiva, os pioneiros, que como tal se comportavam os nossos dois casais. Trindade e Maria Helena mai-lo Manel e Suzana.

António Ferreira da Silva

A tradição começou há um ano. Os nossos rapazes, apurados para o serviço militar, lembraram-se de ir a Fátima a pé, onde, aos pés da Virgem, impioram a sua protecção para que a tropa lhes corra de feição, isto é, sem problemas de maior.

Este ano, mais cinco se puseram a caminho: Antunes (este recentemente vindo do Ultramar, cumprindo a promessa que então havia feito no caso de regressar sã e salvo — o que, felizmente, se verificou), o Neca, Francisco, Bernardino, e o autor deste breve apontamento.

A viagem não teve nada de extraordinário. Apenas nos pudemos queixar do tempo nula propício para viagens a pé. Na verdade a chuva, e por vezes o vento, dificultaram-nos o andamento, tornando-se, assim, maior o nosso sacrifício. Porém, para nós não foi problema. Com bom ou mau tempo, tínhamos de chegar ao destino e chegámos no dia 10 do corrente, por volta das 8 h. da noite.

Conseguido o alojamento e dado o tempo de que dispúnhamos, visitámos tudo ou, pelo menos,

A caminho de Fátima

a maior parte da zona do santuário.

Começámos pela basílica. À entrada, os dizeres: «Aqui só se deve falar com Deus». Assim fizemos. Daqui, passámos à Capela das Aparições onde se verificava já grande afluência de peregrinos. Após breve oração, retirámo-nos. Seguiu-se, depois, o que, para mim, mais gostei nesta minha primeira visita: os Valinhos! Falar deles, seria assunto que gostaria de fazer. Porém, como não me sinto capaz de tal, não o faço. Possa, no entanto, acrescentar, que os Valinhos encerram grande parte da história de Fátima e de suas aparições aos três Pastorinhos.

Ao longo do percurso, (bem grande por sinal) rezámos o

terço acompanhados por pessoas amigas, colegas de viagem, alguns dos quais a fazem já há 17 anos!

Fomos ainda a casa de Francisco, de Lúcia e Jacinta. Na do primeiro, estivemos no quarto onde, segundo nos contaram, sofrera e morrera. Na de Lúcia, tão simples e tão modesta como a primeira, vimos e tocámos a cama onde Jacinta estivera enferma, a que mais tarde acabaria por morrer num hospital da capital.

As cerimónias, apesar do mau tempo, tiveram brilhantismo.

Resta-me acrescentar que partimos com Ele e regressámos com Ele.

Fausto Teixeira



Ontem fui distraída das minhas ocupações por um telefonema duma Assistente Social do Porto, a pedir-me que tomasse conta dum menino de 12 meses. Que já bateu a muitas portas e nada — não há vagas... Mesmo nas creches só aceitam crianças a partir dos 2 anos de idade.

A mãe da criança é doente mental, precisa de ser internada e não a aceitam com o filho. De resto, o bebé, em suas mãos, corre grave risco de vida, pois ela considera-o um peixe...

Lógica desta Assistente Social: «Se é Belém... até ficava aí bem um bebé...»

Pois ficava, ficava! O pior é quem cuide dele. De resto, sendo um menino, para aqui só poderia vir provisoriamente. E eu não acredito que, em todo o Porto, não haja alguma Senhora caridosa e disponível que queira tomar à sua conta esta pobre criança, pelo menos até à idade de entrar numa creche. O que é preciso é tornar o caso conhecido e é o que estou a fazer.

Entretanto, cá vamos pedindo à Sagrada Família um regaço de mãe para a criança, até porque não tive ânimo de responder com um não definitivo.

Trabalhamos para lhe encontrar uma mãe adoptiva.

Se não aparecer ninguém... tragam o menino. Será o nosso Menino Jesus...

— x —

As belenitas mais novas andam todas contentes. É que o Pai do Céu mandou-lhes uma mestra de costura, que também lhes dá catecismo e conta lindas histórias.

Se está tempo bom, então ainda melhor, porque lá vai com elas para a quinta, fazer serviços vários, como apanhar bolotas, pinhas, etc..

De brincadeiras nem se fala, pois é novinha e presta-se a quantos jogos e joguinhos elas queiram. Uma alegria!

Era disto mesmo que elas estavam a precisar, pois têm andado demasiado entregues a si próprias. Eu disponho de pouco tempo para lhes dedicar. A Sra. D. Ofélia, já vai em dois meses que se foi, para repouso e tratamento e ainda não se sabe se conseguirá saúde que chegue para voltar e quando. Ora as

mais velhas, da idade destas, já sabiam muito mais e estavam menos refilonas e indisciplinadas.

Eu vou deitando as contas à vida e pergunto a mim própria se já será isto o princípio da realização de grandes projectos que eu tenho sobre costuras.

Para já, temos necessidade urgente de outra máquina de costura (só uma, que não cabem mais). Quem nos remedeia?

E vamos lembrando à Sagrada Família a nossa mestra de costura, para que persevere na doação, apesar de tão novinha.

Inês — Belém — Viseu

Inquietação

«Eu tenho pena que o cuidado dos «gaiatos» não lhe dê para me escrever mais vezes. As suas cartas enchem-me duma grande vontade para prosseguir com coragem apesar das dificuldades de todas as horas. Sinto cada vez mais na minha vida uma necessidade grande de entrega e só receio que não seja por amor d'Ele, senão por eles, para me encontrar comigo. Mas se Deus quiser eu hei-de escolher numa hora boa aquilo que for melhor para me salvar a mim e ajudar os outros. O que mais me conforta é viver em Graça

embora muitas vezes já tenha sentido faltar-me a confiança. É verdade, como já dizia — parece-me — um salmista: a gente vê engordar os inimigos de Deus, aqueles que blasfemam, e nós não passamos da cepa torta! Eu nunca percebi bem porque é que Deus há-de provar tanto alguns: aqueles a quem ama?! Não são dúvidas de fé, não duvido do amor de Deus; procuro-O com o mesmo entusiasmo, ou mais ainda porque preciso mais d'Ele... Naturalmente quero ver milagres!!

Um leitor».



TRANSPORTADO NOS AVIÕES DA T. A. P. PARA ANGOLA E MOÇAMBIQUE